



**REFLEXOS DO CONSUMISMO
NO CUSTEIO DO REINO DE DEUS:
UMA DISCUSSÃO SOB A ÓTICA DA
COSMOVISÃO CRISTÃ**

*REFLECTIONS OF CONSUMMISM IN THE COST OF THE
KINGDOM OF GOD: A DISCUSSION UNDER
THE OPTICS OF CHRISTIAN WORLDVIEW*

Rachel Ferreira Moreira Leitão²

² *Procuradora Federal junto a AGU. Especialista em Direito Processual Civil pelo Instituto de Ciências Jurídicas. Graduada em Direito pela UFPB. Bacharelada em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Email: racheleitao@uol.com.br*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a influência do consumismo, enquanto narrativa pós-moderna, no modo de vida do cristão na atualidade e os reflexos desta influência no cumprimento do chamado missional da Igreja e no custeio da implantação do Reino de Deus. Neste contexto, objetiva-se analisar as raízes históricas do distanciamento do cristão do plano financeiro divino, bem como problematizar a visão dualista de mundo, advinda da modernidade, em contraponto a cosmovisão cristã integradora e todo abrangente, aplicadas ao aspecto financeiro do cristão pós-moderno. Por meio da pesquisa pura, qualitativa, exploratória e técnica de revisão bibliográfica, serão analisados alguns princípios extraídos da narrativa bíblica, bem como a experiência da igreja primitiva e dos reformadores na Suíça, com o intuito de discernir a cosmovisão cristã na vida financeira.

PALAVRAS-CHAVE

Consumismo. Pós-Modernidade. Cosmovisão Cristã. Responsabilidade financeira. Igreja Missional.

ABSTRACT

This article aims to analyze the influence of consumerism as a postmodern narrative on the way of life of the Christian today and the repercussions of this influence on the fulfillment of the missionary call of the Church and on the cost of the implantation of the Kingdom of God. In this context, the objective is to analyze the historical roots of the Christian's estrangement from the divine financial plane, as well as to problematize the dualistic view of the world, derived from modernity, as opposed to the comprehensive and inclusive Christian worldview applied to the financial aspect of the post-modern. Through the pure, qualitative, exploratory and technical research of bibliographical revision, some principles drawn from the biblical narrative, as well as the experience of the early church and the reformers in Switzerland, will be analyzed in order to discern the Christian worldview in financial life.

KEYWORDS

Consumerism. Postmodernity. Christian Worldview. Financial responsibility. Missional Church.

1. INTRODUÇÃO

Na contemporânea sociedade ocidental, o consumismo é a nova narrativa que condiciona o modo de vida secular, influenciando, de maneira significativa, a vida do cristão, que se julga impossibilitado de contribuir financeiramente na implantação do Reino de Deus e de, assim, cumprir o seu chamado missional na ajuda ao necessitado e no repartir de seus recursos de forma comunitária.

As dificuldades financeiras do cristão, na atualidade, devem-se, em grande parte a um modo de vida dualista, irrefletido e desvinculado da cosmovisão cristã integradora, aplicada também ao aspecto financeiro.

Neste contexto, analisamos as causas e as consequências do consumismo na vida atual do cristão, e seus reflexos no cumprimento do chamado missional. Expomos também, a partir da narrativa bíblica, alguns princípios aplicáveis à vida financeira e experiências vivenciadas pela igreja primitiva e pelos reformadores protestantes, com o intuito de discernir a cosmovisão bíblica financeira para o cristão pós-moderno.

Para tanto, fizemos uma pesquisa pura por meio de uma pesquisa teórica, qualitativa sem o foco de construção de dados estatísticos, exploratória e técnica de revisão bibliográfica.

2. O CRISTÃO NA COSMOVISÃO PÓS-MODERNA

Na atual sociedade ocidental, estamos vivenciando a transição entre a modernidade e a pós-modernidade e, neste contexto, o cristão sofre influência de três cosmovisões diferentes: a moderna, a pós-moderna e a cristã.

A cosmovisão moderna, também conhecida como secular ou iluminista, nada mais é que a interação entre a cosmovisão cristã (dos séculos 5 a XV d.C.) com o humanismo clássico (século VI a V a.C.), resultando, assim, num sistema de crenças em que a razão humana se julga apta a compreender as leis deste mundo naturalista, e, com ajuda do conhecimento científico, capaz de conduzir a humanidade ao progresso econômico, social, científico e cultural.

Já na presente cultura pós-moderna, ainda fundamentada na autonomia humana (herança da modernidade), o consumismo é o traço mais marcante a ditar padrões de consumo cada vez mais universais (globalização do mercado), exigentes e inatingíveis pelo ser humano comum.

Michael W. Goheen nos ensina sobre a pós-modernidade que:

Pode ser útil mencionar três forças espirituais que moldam a vida pública da cultura ocidental atual: globalização, pós-modernidade e consumismo. A globalização é a disseminação mundial de uma versão econômica da fé do Iluminismo moderno. O triunfo da modernidade econômica em uma escala global é concomitante, no entanto, com a profunda insatisfação e crítica severa feita pela pós-modernidade em relação a visão do Iluminismo. Paradoxalmente, notamos aqui que a confiança na história moderna de progresso está em declínio. A globalização, especialmente em virtude de injustiças no mercado global, produziu muita riqueza no Ocidente ao mesmo tempo que o pós-modernismo induziu muitos a rejeitar a noção de uma história ou cosmovisão abrangente que ofereça significado à nossa vida. Esses dois elementos da vida moderna no Ocidente – riqueza ligada à perda extrema de significado – combinaram-se para criar o consumismo, que é talvez o mais poderoso movimento religioso atuante no Ocidente hoje. O consumismo se tornou ‘a metanarrativa abrangente que pretende explicar a realidade [...]’. Praticamente todos nós fizemos dela ‘a nossa história’ de uma forma tão completa que mal percebemos a sua influência. (GOHEEN, 2014. p. 32)

O mundo atual, efetivamente, não é mesmo de 10 anos atrás. O padrão secular de consumo evoluiu e, com isso, a noção de riqueza, poder e sucesso também. A cada instante, surge uma

nova necessidade, e o que era *cool*³ ontem já não o é hoje, e já será ultrapassado amanhã. Graças a globalização do mercado, o bombardeio midiático de novos produtos de consumo está a um clique no celular, e uma gama infinita de possibilidades de consumo é visualizada, em segundos, por milhões de consumidores em todo mundo, sem que haja qualquer reflexão ou intenção consciente do receptor.

Assim, as redes sociais impulsionam o consumo descontrolado, ao ditar a noção pós-moderna de felicidade, fundamentada substancialmente numa vida de imagem, beleza, ostentação, riqueza material, sucesso, estilo, como nos revela Michael Goheen quando relata:

Aliás, Susan White sustenta que o consumismo se tornou um dos principais candidatos à posição de nova narrativa definidora da cultura ocidental, e ela reconstitui suas linhas básicas com poucas e hábeis pinceladas:

‘Se existe uma metanarrativa abrangente que reivindica explicar a realidade no final do século 20, essa é, sem dúvida, a narrativa da economia de livre mercado. No princípio dessa narrativa se encontra o ser humano autorrealizado e autossuficiente. E no final dessa narrativa se encontra a casa ampla, o carro vistoso e as roupas caras. No entretanto se encontra a luta pelo sucesso, a ganância, o comprar e gastar em um mundo em que não existe algo assim como almoço grátis. Para a maioria de nós, essa tem se transformado tão cabalmente em ‘nossa narrativa’ que dificilmente temos consciência de sua influência (GOHEEN, 2016. p. 173).

Neste sentido, o professor Dallegrave Neto também nos ensina:

tem sido usada como gíria da moda para definir de forma inovadora estilo, tendências e pessoas.

Afinal, quais são esses valores modernos que a Pós-Modernidade amplia e maximiza? Basicamente são três: o indivíduo, o mercado e a tecnologia. E assim, o homem pós-moderno passa a ser visto como um hiperindivíduo, que navega nas ondas de um globalizado mercado de consumo através de uma parafernália tecnológica. É um hiperindivíduo porque narcisista, ansioso e cheio de sonhos de consumo. Mas, para consumir cada vez mais, é preciso ter fonte de renda. Eis a fórmula simplista do jeito americano de viver (*american way of life*): eu trabalho porque quero consumir; e porque quero consumir eu tenho que trabalhar! E nesse sentido a pós-modernidade não inova, mas apenas amplifica o modo capitalista de existir (DALLEGRAVE NETO, 2017, p. 230).

Neste triste contexto cultural pragmático, egocêntrico e oportunista, encontra-se o cristão em intensa confusão de identidade e instigado a adotar a falsa noção secular de felicidade, advinda da cosmovisão pós-moderna.

Na contramão, temos o esforço hercúleo da igreja para se amoldar ao contexto cultural subjacente e dar uma identidade cristã ao fiel neste mundo pós-moderno, mas pela própria visão dualista do mundo⁴, muito da genuína cosmovisão cristã se perdeu nesta tentativa. Para Michael Goheen, o papel que a igreja desempenha na história determina a sua identidade e essa identidade por sua vez se expressa de maneira mais adequada através das imagens que surgem de dentro da grande história. Surge, porém, um problema quando as imagens ou metáforas que moldam a autoidentidade da igreja são extraídas de modo indiscriminado e acrítico da sociedade que a cerca e da história cultural dominante. Mais traiçoeiro ainda é o perigo de reformular imagens bíblicas nos termos da história cultural presente, preenchendo-as com conteúdo não bíblico. Em ambos os casos a

⁴*Influência da Modernidade, que adotou uma visão dualista de mundo: secular e sagrado.*

idolatria da história cultural está escrita no cerne da igreja (GOHEEN, 2014, p. 33).

E, infelizmente, por influência da cosmovisão dualista de sagrado e secular, herança da modernidade, como adiante veremos, a cada dia, o padrão secular rouba a identidade missional da Igreja.

Na realidade, o povo de Deus tem sido levado, muitas vezes irrefletidamente, a consumir o que não precisa e a viver num padrão de vida individualista e destoante de sua realidade financeira, buscando um ideal de felicidade e autossatisfação pessoal, retratados no acúmulo de bens materiais e nas imagens de sucesso, poder e conforto, conforme a visão secular pós-moderna. Essa busca, na verdade, desvirtua a identidade e o chamado original do cristão, afastando-o do propósito de Deus para sua vida.

Ainda M. Goheen nos ensina:

Uma cultura de consumo é, além disso, uma cultura em que a liberdade é associada à escolha individual e à vida privada. (...)

Por último, uma cultura de consumo é uma cultura em que as necessidades são ilimitadas e insaciáveis. Isso é irônico, porque, embora o consumismo prometa, de forma sem precedentes, satisfazer às nossas necessidades, sua existência ininterrupta depende de nossas necessidades nunca serem totalmente atendidas (GOHEEN, 2016, p 174).

Nesta busca desmedida por consumo, o cristão se depara com problemas na vida pessoal, social e espiritual que vão desde tensões internas (crises de identidade, transtornos psicológicos de ansiedade, estresse, frustração, pressão, angústia, ausência de paz de espírito e de liberdade) a desajustes e rupturas familiares por questões financeiras, além do distanciamento do propósito divino no custeio da implantação do Reino de Deus.

Isto porque as dificuldades financeiras enfrentadas pelo povo de Deus, fruto da influência cultural consumista da cosmovisão pós-moderna, geram uma latente falta de compromisso financeiro do cristão com o Reino de Deus, ou seja, a cada dia, cresce o número de cristãos encarcerados numa realidade de dívidas, compromissos financeiros de longo prazo e gastos supérfluos.

Os cristãos da atualidade não conseguem contribuir para a obra de Deus como deveriam. Muitos até se sentem “tocados” a contribuir com uma obra específica, querem genuinamente ofertar, mas, ao pensar sobre sua condição financeira pessoal, sabem que estão por demais comprometidos e, rapidamente, descartam qualquer possibilidade de assumir mais um compromisso financeiro, mesmo que entendam o propósito maior da implantação do Reino de Deus, convencendo-se, para aliviar a consciência, de que realmente contribuiriam se tivessem condições ou então, adiam a oferta para uma oportunidade futura e incerta, quando, esperam, as finanças estejam mais organizadas. Entretanto, muitos sequer refletem a respeito e não enxergam os efeitos da sua falta de compromisso na implantação do Reino de Deus.

3. RAÍZES HISTÓRICAS DO DISTANCIAMENTO DO CRISTÃO DO PLANO FINANCEIRO DIVINO

A igreja, enquanto mão de Deus na terra para aliviar o fardo dos pobres e necessitados, tem enfrentado dificuldades em cumprir a sua missão, uma vez que seus membros não encarnam o chamado financeiro. Mas, afinal, o que impede a grande maioria dos cristãos de se programarem para, assim como o dízimo mensal, assumir o compromisso financeiro com a obra do Senhor? Por que tem sido tão corriqueira a falta de recursos disponíveis para ofertas?

Inicialmente, vemos que muitos cristãos, na atualidade, não se sentem pessoalmente responsáveis pelo custeio da obra de Deus. Acreditam que dar o dízimo⁵ já é suficiente, e/ou que suas

⁵ A palavra Dízimo vem do termo hebraico *maasser* com o mesmo significado. Em sua raiz temos o termo *issaron* que significa décima parte; também o termo “*eser*” que significa ‘dez’ e o termo “*asar*” que significa “dar o dízimo, dar a décima parte”, conforme artigo de MORENO, Mario. **Maaser** – Dízimo, Disponível em: <<http://shemaysrael.com/maas-er->

orações e seu serviço na obra de Deus substituem a contrapartida financeira na implantação do Reino. É comum ouvirmos que, se o cristão intercede, não precisa contribuir financeiramente, ainda mais se o país está em crise ou se você não tem muito sobrando e já vive com o orçamento apertado.

Para tentar entender a raiz desta visão equivocada, vamos analisar a problemática enfrentada pela Igreja, em relação as ofertas dos fiéis, no contexto da reforma protestante.

Historicamente, no início do século XVI, a igreja cristã ocidental explorava acintosamente os fiéis, através da venda de indulgências, de relíquias e da própria salvação. Contra isso, se insurgiram, com veemência, os reformistas, principalmente Lutero, como relata o historiador e teólogo Justo L. González:

(...) em uma peregrinação a Roma, Lutero viu o abuso em que as relíquias e outros meios de obter mérito haviam caído. Ele chegara a Roma cheio de esperança e fé; saiu com uma dolorosa dúvida de que os meios de salvação oferecidos pela Igreja fossem, de fato, válidos – e esta é a primeira indicação que nós temos de que ele se permitiu duvidar da doutrina estabelecida de seu tempo.

(...)

A peregrinação de Lutero a Roma e seu desenvolvimento teológico posterior o convenceram que a confiança em méritos e relíquias dos santos era em vão. Ele achara tal confiança mais um obstáculo do que uma ajuda na peregrinação espiritual. Em Wittenberg, Frederico, o Sábio, coletara um vasto número de relíquias, e estas deveriam garantir libertação do purgatório àqueles que as viram e fizeram as contribuições apropriadas. Muito antes do irromper da Reforma, Lutero pregara contra

dizimo>. Acesso em 19 ago. 2018. Portanto, o ato de dizimar foi estabelecido por Deus ainda no Antigo Testamento e permanece no cristianismo enquanto prática contributiva voluntária do cristão, de dez por cento dos seus rendimentos, para o custeio e manutenção da Igreja.

essas práticas, e incorrera no desagrado de Frederico, que contava com a renda derivada das contribuições dos fiéis. (...) Esse era o estado de coisas quando a questão das indulgências foi trazida ao cenário por uma proclamação de Leão X, concedendo a Alberto de Brandenburg o direito de vender uma nova indulgência em seus territórios. (...) e as somas envolvidas eram consideráveis. Ostensivamente, entretanto, o propósito dessa nova venda de indulgências era a necessidade de completar a basílica de São Pedro, em Roma (GONZÁLEZ, 2015. p. 31-35).

A revolta de Lutero com a exploração sofrida pelo povo o fez publicar suas 95 teses, em 1517, quando ele expôs claramente:

50 Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa soubesse das exações dos pregadores de indulgências, preferiria reduzir a cinzas a Basílica de S. Pedro a edificá-la com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas. (LUTERO, 1517)

Como consequência da exploração perniciosa da fé pela igreja no século XVI, disseminou-se a ideia equivocada de que o cristão não precisa mais contribuir financeiramente para a Igreja, já que a salvação se dá, mediante a fé, pela graça divina e não por obras. Essa assertiva é reforçada pela cosmovisão moderna secular, fundamentada na autonomia da razão humana, de que a religião deve se restringir a assuntos puramente espirituais, e assim a vida financeira do fiel está livre de qualquer influência da Igreja, pois está associada a liberdade individual e a vida particular.

Portanto, muitos cristãos, no contexto cultural pós-moderno, sentem-se pessoalmente desobrigados de contribuir com a igreja, fazendo-o apenas “se” e “quando” puderem, uma vez que a sua salvação pessoal está garantida e não mais depende efetivamente de sua postura contributiva, o que é reforçado, muitas vezes inconscientemente, pela noção histórica de reação a uma exploração de fiéis pela Igreja.

Antes de analisarmos o que a Palavra de Deus fala especificamente sobre o assunto, devemos esclarecer que a reforma protestante, ao contrário do que parece, não se posicionou contrariamente às contribuições do cristão a igreja, mas apenas contra a cobrança extorsiva de indulgências por parte de religiosos, com promessas de que a salvação se daria por obras humanas ou por contribuições em dinheiro ou bens materiais.

Eis o que nos traz o historiador americano Carter Lindberg, ao tratar sobre a importância do serviço social da Igreja na Reforma, a partir da atuação do importante teólogo “Reformador do Norte” Johann Bugenhagen:

Para o Reformador, um estatuto eclesiástico responsável não podia ser independente de sua substância teológica. Na introdução do estatuto de Brunsvique, Bugenhagen repete o tema de seu tratado anterior:

‘Se queremos ser cristãos, devemos aceitar as consequências. Devemos evitar trapaças de monges e liturgias penitenciais, para que Deus não nos despreze. O Senhor não nos mandou fazer nada disso. Precisamos prosseguir na verdadeira adoração, isto é, em boas obras de fé genuínas, que nos foram ordenadas primeiramente por Cristo. A primeira delas é carregar o fardo dos necessitados, conforme Jesus ensinou [João 13:35]: ‘Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês amarem uns aos outros’. (Lietzmann, 1912, p.135)

Bugenhagen enfatizou que boas obras não é o pré-requisito, mas sim a consequência da salvação. Desse modo, a descrição da ética social cristã como a ‘adoração além da liturgia’ é tão aplicável a Bugenhagen quanto a Lutero. Bugenhagen comparava a recuperação do evangelho trazida pela Reforma ao seu uso na Igreja do fim da Idade Média, na qual cria que a adoração era falsificada por esforços de aquisição de mérito por meio de caridade. Tais adorações falsas e ‘boas obras’ de troca financeira por mérito deveriam ser substituídas pela verdadeira

adoração e boas obras de servir o pobre (LINDBERG, 2017. p. 156).

Da mesma forma, temos a análise da teologia de Calvino, sob a ótica de Carter Lindberg:

Talvez o ponto no qual a proclamação dos reformadores sobre vocação recebeu mais atenção no mundo moderno tenha sido na intersecção entre religião e economia (...) O entendimento de Calvino sobre a predestinação e providência não era individualista, mas comunal e histórico-mundial. (...)

Tendo em vista que a teologia de Calvino não era individualista, mas comunal, ele via a prosperidade como uma benção vinda de Deus. Para o reformador, riquezas não demonstravam a aprovação do indivíduo, mas benção de Deus sobre ele, a qual devia ser compartilhada com toda a comunidade. Em contrapartida, a pobreza era uma expressão da ira de Deus a toda a comunidade como consequência do pecado; por isso, levar o fardo e ajudar o necessitado era uma obrigação de todos. A ideologia do 'culpe a vítima, elogie o vencedor' dos tempos modernos é um tipo de teologia do pacto secularizada e individualizada, que associa o sucesso e fracasso mundano à virtude moral (LINDBERG, 2017. p. 429).

Efetivamente, inexistente, biblicamente, qualquer promessa de contrapartida de benção diferenciada, salvação ou predileção àquele que participa com seus recursos à obra social da igreja, e isso, *a priori*, poderia levar o cristão a se eximir de qualquer obrigação no custeio da obra da Igreja. Porém, se analisarmos a cosmovisão bíblica sobre o assunto, o padrão estabelecido por Cristo é muito diverso desse pensamento recorrente em muitos cristãos.

4. HERANÇA DUALISTA MODERNA X COSMOVISÃO CRISTÃ

Outra dificuldade na tarefa de adequação do cristão pós-modernista a cosmovisão bíblica integral na área financeira se dá graças a herança cultural da modernidade, que segmentou a vida numa visão dualista.

Diferentemente do judaísmo e da maioria das religiões orientais, o cristianismo ocidental é, por natureza, dualista e não abrange todos os aspectos da vida do cristão. Por herança teológica das visões de Agostinho e São Tomaz de Aquino, vivemos inseridos numa cosmovisão cristã dualista na maioria das igrejas, e assim, vemos que o corpo de Cristo se amolda aos padrões do mundo com muita facilidade, até mesmo naquelas igrejas que têm uma linha sectária mais rígida e fundamentalista.

A cosmovisão moderna secular é incompatível com a fé cristã e, assim, o cristão contemporâneo possui, inconscientemente, uma vida dupla: uma visão secular durante grande parte de sua rotina e nos mais diversos aspectos de sua vida; e outra sagrada, quando se relaciona com Deus, através da oração, leitura da Palavra, do serviço ministerial e nos cultos e reuniões na Igreja.

Além disso, a cultura secular é “todo abrangente” e pretende condicionar todo o modo de pensar da sociedade, relegando a prática do cristianismo a questões estritamente pessoais, espirituais, ligadas a fé e sem qualquer relação aos demais aspectos da vida do cristão, como a profissional, social, financeira etc. Desta forma, a vida religiosa do cristão, grandemente influenciada pela cosmovisão moderna, ocupa um lugar restrito, sem ingerência nos assuntos “não espirituais”.

A busca pessoal e devocional do cristão e os ensinamentos recebidos nas igrejas, geralmente, não têm sido suficientes a capacitá-lo eficazmente a viver uma cosmovisão cristã todo abrangente, que influencie e molde todos os aspectos da vida do seguidor de Jesus, desde o profissional, o social, o cultural, inclusive a sua vida financeira.

Neste contexto, o cristão precisa descobrir como corporificar as boas-novas do Evangelho ao seu modo de vida no seu contexto cultural, através de uma reflexão consciente, apta a identificar e discernir o que a cosmovisão bíblica e a cosmovisão

secular diz sobre todos os aspectos de nossa vida, como bem sugere M. Goheen:

Se quisermos viver e encarnar o evangelho em nosso tempo e lugar, precisamos praticar aquilo que John Stott chamou de 'audição dupla' – um ouvido atento para o que as Escrituras e a tradição cristã dizem, e o outro atentando para aquilo que está se passando na cultura ao redor. Só dessa forma estaremos devidamente equipados para viver para Cristo. (GOHEEN, 2016. p. 164)

No mesmo sentido, temos a visão de Nancy Pearcey:

Para recuperar um lugar à mesa do debate público, os cristãos têm de encontrar um meio de vencer a dicotomia entre o público e o particular, o fato e o valor, o secular e o sagrado. Precisamos libertar o evangelho de seu cativo cultural e restabelecê-lo ao *status* de verdade pública. “A jaula que forma a prisão para o evangelho na cultura ocidental contemporânea é a acomodação [da igreja] [...] à dicotomia fato/valor”, afirma Michael Goheen, professor de estudos sobre cosmovisão. Somente com a recuperação da visão holística da verdade total é que conseguiremos libertar o evangelho para se tornar a força redentora em todas as áreas da vida. (PEARCEY, 2017. p. 25)

Portanto, o cristão contemporâneo precisa resgatar o contexto cultural em que vive e reinterpretá-lo a luz do Evangelho, a fim de se distanciar do padrão cultural consumista que o rodeia. A fé não pode ser mais entendida como privada, apenas para o deleite espiritual e devocional do ser humano. A salvação não é apenas do inferno para o céu, não se limita a ganhar almas para Cristo, mas é para ser vivenciada com intensidade neste mundo, criado por Deus, manchado pela Queda, mas ainda bom.

A cosmovisão cristã, ou seja, a visão de mundo a partir da ótica do Evangelho de Cristo, abrange todo e qualquer aspecto da vida. Tudo que o cristão faz e vive tem um propósito, uma função, uma verdade bíblica revelada nas Escrituras. Entretanto, o cristianismo ocidental é vivenciado apenas nos momentos privados de experiência espiritual, na vida particular do cristão.

Infelizmente, essa aplicação restrita do cristianismo à esfera privada e a ausência de educação financeira familiar e cultural, a partir da cosmovisão cristã, têm trazido sérios prejuízos a vida plena e integral do cristão. Inclusive porque, a maioria dos cristãos acredita que pode violar os princípios bíblicos básicos e depois, por causa da graça divina, pode ser perdoada e se socorrer de Jesus para ter um milagre, mediante a fé, também nas finanças. Ou seja, o cristão devoto quer resolver os problemas financeiros de forma espiritual.

Entretanto, na prática, o cristão que, rotineiramente, viola uma série de princípios financeiros das Escrituras, certamente é perdoado pelo Senhor Jesus, mas, inevitavelmente, sofre as consequências desta desobediência a Palavra de Deus e não evolui para um novo nível de fé e de abundância de vida.

5. COSMOVISÃO BÍBLICA DO CUSTEIO DA OBRA DE DEUS

Ao vermos a narrativa da oferta da viúva pobre, Jesus estabelece alguns princípios sobre o ato de ofertar autêntico e cristocêntrico. Vejamos o texto de Lucas 21: 1-4 (NVI):

¹ Jesus viu algumas pessoas ricas colocando suas ofertas na caixa de contribuições do templo.

² Viu também uma viúva pobre colocando lá duas moedas pequenas. ³ Então, disse: 'Digo a verdade a vocês: Esta viúva pobre deu mais do que todos os outros. ⁴ Todas as outras pessoas fizeram as suas ofertas dando do dinheiro que tinham sobrando; ela, porém, na sua pobreza, deu tudo o que tinha para viver'.

Primeiramente, o padrão de Jesus, diferentemente do secular, é que a oferta verdadeira é voluntária, envolve sacrifício

pessoal, é extraída das primícias dos rendimentos e não daquilo que sobra, e tem como propósito único a implantação do Reino de Deus.

Outro princípio latente, na narrativa bíblica, é de que o valor da oferta não é, essencialmente, importante. Jesus ressalta no texto que as duas pequenas moedas da viúva pobre valem muito mais que as ricas ofertas das pessoas abastadas, mas que foram sobras. O que importa, no Reino de Deus, é a centralidade que ele ocupa no coração e na vida do Cristão, é a essencialidade e consciência do propósito de que estar contribuindo à implantação do Reino de Deus.

Ademais, Jesus não exclui ninguém do chamado a custear a implantação do Seu Reino. Ele aceitou a oferta de uma mulher, viúva e pobre, desassistida e que possuía apenas duas pequenas moedas. Assim, o cristão que se julga desonerado da obrigação de contribuir por causa dos poucos recursos ou da crise financeira do país ou do mundo, deve refletir sobre a situação daquela pobre viúva, que deu tudo que tinha e foi elogiada e referenciada pelo mestre Jesus.

Esse mesmo sentido foi vivenciado pelo Povo de Deus, na construção do Templo, conforme o relato de 1 Crônicas 29.1-20.

O texto retrata o testemunho público do povo de Deus, Israel, a começar pelo seu líder máximo, o rei Davi, que foi seguido pelos demais líderes e por todo o povo, sucessivamente, da oferta generosa para construção do Templo de Deus, como um verdadeiro ato de adoração e de humilde reconhecimento de que tudo vem de Deus, e que os seus fiéis apenas devolvem aquilo que recebem das mãos do Senhor.

Por isso, a oferta de recursos e de bens para que a Igreja cumpra a sua missão de implantação do Reino de Deus na terra, na cosmovisão bíblica, é um ato sacrificial e espontâneo de adoração e amor a Deus e ao próximo, além de ser um reconhecimento público e humilde de confiança no sustento e na provisão divina, refletida na obediência consciente do cristão ao chamado de levar o fardo e ajudar o necessitado, bem como repartir da benção financeira com toda a comunidade.

6. LIBERTANDO-SE DA NARRATIVA CONSUMISTA: QUEM É O SENHOR DA SUA VIDA?

Como já dito, o consumismo, enquanto metanarrativa pós-moderna e estilo de vida, veio para escravizar o cristão, roubando dele a sua identidade, liberdade e propósito divino de vida. O homem endividado pelo consumo desenfreado tem que trabalhar mais, para gerar mais riqueza, e assim, fazer frente as dívidas e custear o elevado padrão de consumo.

Para cumprir o seu chamado missional financeiro e aplicar a cosmovisão cristã às suas finanças, numa cultura agressivamente consumista, o maior desafio que o cristão tem que enfrentar é decidir quem é verdadeiramente o senhor de sua vida.

Inicialmente, a questão parece simples e a resposta, óbvia para o cristão autêntico, comprometido com Cristo. Entretanto, a sua aplicação é bastante complexa, quando analisamos as implicações do padrão do senhorio de Cristo na vida financeira do servo, num contexto de consumismo extremo vivenciado atualmente na pós modernidade.

Quanto ao embate da cosmovisão cristã com o pós-modernismo o cristão precisa, antes de tudo, compreender a supremacia da narrativa bíblica, nas lições do professor Chistopher J. H. Wright quando diz:

Todos os aspectos da Bíblia – cultura, local, relacional e narrativa – são bem aceitos pela mente pós-moderna. Mas a hermenêutica missional se separa do pós-modernismo radical ao insistir que, por meio de toda essa variedade, localidade, particularidade e diversidade, a Bíblia continua realmente sendo ‘a’ história. É assim que as coisas são. Essa é a grande narrativa que constitui a verdade para todos. E ‘nessa’ história, como a Bíblia narra ou prevê, opera o Deus cuja missão é manifesta desde a criação até a nova criação. Essa é a história da missão de Deus. É uma história coerente com uma reivindicação universal, mas também é uma história que afirma a humanidade em todas as suas variedades culturais particulares. É a história universal que dá

um lugar ao sol a todas as pequenas histórias.
(WRIGHT, 2014, p.46)

Em Mateus 6:19-34 (NVI), Jesus Cristo estabelece a visão bíblica de vida financeira cristocêntrica, falando abertamente sobre o senhorio de Deus em conflito com o senhorio do Dinheiro, o equívoco existente no acúmulo de bens e tesouros neste mundo, a futilidade das preocupações com os cuidados da vida, e a necessidade de investimento no Reino de Deus, em primeiro lugar.

Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.

Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro.

Portanto eu lhes digo: não se preocupem com suas próprias vidas, quanto ao que comer ou beber; nem com seus próprios corpos, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante do que a roupa?

Portanto, não se preocupem, dizendo: “Que vamos comer?” ou “que vamos beber?” ou “que vamos vestir?” Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas.

Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã se preocupará consigo mesmo. Basta a cada dia o seu próprio mal.

Essa passagem é bastante conhecida e estudada no meio cristão, sendo fonte de profundas reflexões sobre o modo de vida

que o cristão deve ter, com diversos princípios bíblicos financeiros. Por que, apesar de conhecer tão bem a passagem, não vemos na vida da comunidade cristã nenhuma mudança no padrão financeiro de gastos, vida e investimentos no Reino de Deus?

O primeiro ponto é que conhecer a Palavra de Deus é diferente de aplicá-la e vivê-la integralmente na prática e neste aspecto, Michael Goheen discorre:

Se estamos insatisfeitos com a escravidão da igreja a cultura, por onde começamos a jornada rumo a liberdade? Hans Küng está totalmente certo ao afirmar que 'a igreja precisa voltar à sua condição inicial; deve retornar às suas origens, a Jesus, ao evangelho. (GOHEEN, p. 35)

No grego *koiné*, a parte inicial do texto de Mateus 6:24 é “ουδεις δυναται δυσι κυριοις δουλευειν (NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS, 2004)”, que significa ninguém pode servir a dois senhores (NVI). A palavra grega *κυριοις* significa senhorio e a palavra *δουλευειν* deriva de *δούλος*, que quer dizer servo, escravo, submisso, dependente. Portanto, a Palavra de Deus é clara quando diz que o cristão não pode servir a Deus e ao Dinheiro, ao mesmo tempo.

Outra verdade bíblica correlacionada ao senhorio está dita em Provérbios 22.7: “(...) quem toma emprestado é escravo de quem empresta.”

Assim, quando o cristão se submete ao padrão consumista pós-moderno, e vive numa busca desenfreada por riqueza, bens e sucesso, ou se vê atolado em dívidas, e “precisa” produzir mais riqueza para fazer frente aos compromissos financeiros, percebemos quem tem sido o senhor de sua vida e infelizmente, não podemos dizer que é de Jesus.

Neste contexto, temos a importante lição da autora Pearcey:

A renovação da mente só ocorre pela submissão do nosso 'eu' ao senhorio de Cristo. Devemos estar dispostos a nos sentar aos pés de Jesus e ser ensinados por Ele, como fez Maria de Betânia,

conscientizando-nos de que ‘uma [coisa] só é necessária’ (Lc 10.42). Dada nossa natureza humana caída, é típico não nos sentarmos de fato diante do Senhor até que sejamos forçados por crises advindas de tristezas, perda ou injustiça. É somente quando somos privados de nossos sonhos e ambições pessoais que verdadeiramente morremos para nossa própria maneira de fazer as coisas. A união com Cristo em sua morte e ressurreição é o único caminho para a santificação do coração e da mente, sendo conformados à semelhança de Cristo (PEARCEY, 2017. p. 29).

Assim, toda a mudança começa com a escolha consciente do senhorio de Cristo na área financeira, quando o cristão decide implantar o padrão divino às finanças, o primeiro passo é que ele deixa de consumir segundo o padrão secular. Ele precisa ter zelo em como gasta seus recursos, adotando o entendimento de que a finalidade do que recebe é, precipuamente, financiar a implantação do reino de Deus. E assim, o cristão não deveria contrair dívidas que não pode pagar, nem se comprometer financeiramente para o futuro, com um dinheiro que sequer recebeu.

Parece lógico e simples, à primeira vista, mas na cosmovisão pós-moderna individualista e consumista, com o crédito fácil e milhares de bens tão acessíveis, a implantação da cosmovisão cristã na vida privada financeira do cristão é um desafio. O cristão precisa se distanciar conscientemente do padrão secular de consumo, a fim de que a cosmovisão cristã financeira possa ter espaço, com o senhorio de Jesus, e não mais do dinheiro, com o consequente investimento no Reino de Deus, segundo o padrão bíblico.

O segundo aspecto que encontramos neste texto, é que o Senhor nos convida a cumprir um chamado, uma missão também no aspecto financeiro, investindo no Reino de Deus em primeiro lugar, como filho dependente e servo do Senhor, não acumulando bens que perecem neste mundo, mas tesouros no céu.

A par da educação financeira pessoal, o povo de Deus deve também crer no aspecto social de seus rendimentos, como evidenciado pela cosmovisão bíblica cristã, a partir da narrativa das Escrituras.

Apenas com a devida conscientização de que o cristão autêntico tem uma responsabilidade social pela forma como gasta o seu dinheiro, a partir da visão das Escrituras e na implantação do Reino de Deus, teremos uma verdadeira integração da cosmovisão com a nossa vida financeira pessoal e familiar.

No livro “O pensamento econômico e social de Calvino”, temos a narrativa de como a cosmovisão cristã, sob a ótica calvinista, interviu diretamente no contexto social de Genebra, na Suíça, a partir do século XVI, trazendo mudanças estruturais significativas na sociedade, com reflexos até o dia de hoje. Mas, o sucesso da empreitada de Calvino se deu, em parte, a sua luta contra a “insolência do luxo em relação aos pobres” (BIÉLER, 2012, p. 216), uma vez que ele defendia:

É a vista desta extrema pobreza de uns, ademais disso, que protesta Calvino contra o luxo dos outros; a caridade cristã não pode tolerar que uns poucos dissipem seus bens enquanto há aqueles a quem falta até mesmo o necessário.

Também, muito antes que aparecessem as leis suntuárias, vê-se manifestar-se já a indignação de Calvino contra os gastos supérfluos, não tanto em razão do luxo em si, quanto em função de seu sentido desrespeitoso e provocante em relação aos pobres. (...)

Sentindo-se eles próprios solidários com as criaturas mais miseráveis, vivem os reformadores em extrema simplicidade, vizinha da pobreza. Acha-se, constantemente, nos registros do Conselho a menção de tentativas feitas pelos magistrados, sensibilizados com a sua penúria, de vir-lhes em ajuda; estas autoridades esbarram geralmente em polida recusa da parte de seus guias espirituais, que se desculpam de não poder aceitar, pois que há tantos que são ainda mais desafortunados que eles. (...)

Quanto a Calvino, sua pobreza não tem igual senão na descrição quanto àqueles que tentam acrescentar o que quer que seja ao estrito mínimo com que se contenta. (BIÉLER, 2012, p. 216-217)

Além desse zelo no gasto individual e da consciência social dos recursos auferidos pelos cristãos, havia o entendimento de que era uma obrigação moral do cristão mais abastado no socorro dos desfavorecidos, como fruto de uma renovação cristã autêntica. Eis o que nos revela o texto do autor André Biéler:

Desde o início da Reforma, tem a igreja clara consciência da situação moral e material em que se acha a população de Genebra; toma aquelas medidas que se impõem para vir imediatamente em seu auxílio. Por certo que os esforços dos reformadores tendem, em primeira plana, ao redirecionamento espiritual e moral da própria nação. Mas, paralelamente a esta obra de base, travam no plano social uma luta que é o necessário prolongamento daquele e que caracteriza toda ação de renovação cristã autêntica. Havemos já assinalado, em vários lugares, o estreito paralelismo que há na história da Reforma entre os movimentos de renovação social e as próprias correntes de regeneração religiosa (BIÉLER, 2012, p. 216-217).

Neste contexto, Calvino organiza o ministério social da Igreja, de uma maneira radicalmente espantosa:

Em Estrasburgo, tinha Calvino vencido uma etapa a mais: defrontando-se com problemas sociais agudos que, à consciência da Igreja, deparava o Estado miserável de uma comunidade de refugiados desprovidos de recursos, havia ele ordenado a vida material dos fiéis sob o modelo da igreja primitiva; havia recorrido, para o socorro dos pobres e a administração dos bens da

comunidade, ao ministério dos diáconos, segundo uso estabelecido nesta cidade.

Havia também conhecido de perto as tensões sociais que dividiam os genebrenses e a animosidade que contrapunha ricos e pobres. Um tal escândalo era incompatível com uma igreja reformada pela Palavra de Deus. Era necessário introduzir aí, sem tardar, o ministério especial ao qual o evangelho atribui a delicada missão de fazer circular, entre os crentes de condição desfavorecida, os bens que Deus reparte diversamente para a utilidade comum. (...)

A vida religiosa e a vida material do crente estão ambas sujeitas a mesma ordem de Deus (...) É interessante, e importante, observar que o órgão de ajuda assistencial é um órgão misto, dependente, a um tempo da Igreja e do Estado. Seus recursos provêm tanto da generosidade dos fiéis quanto do tesouro do Estado.(...)

Ora, para a vida de uma Igreja, é muito importante regular, segundo a Palavra de Deus, não só a vida moral de seus membros como também sua vida material (BIÉLER, 2012, p. 210-211).

O modelo seguido por Calvino se baseia na igreja primitiva, e quanto a ela, temos que, nesta fase inicial, o Evangelho era vivido de uma maneira muito mais plena que nos dias atuais, em que pese o contexto cultural romano todo abrangente e extremamente decaído, similar ao que vivemos atualmente em muitos aspectos. A essência da vida exemplar nos primórdios da igreja cristã é trazida por Michael Goheen:

Qual era a essência dessa vida exemplar? A igreja primitiva derrubou as barreiras que haviam sido erigidas no mundo antigo entre ricos e pobres, homens e mulheres, escravos e livres, gregos e bárbaros, em uma criativa e desconcertante 'impossibilidade sociológica'. Um persuasivo

‘evangelho de amor e caridade’ era praticado em favor dos pobres, órfãos, viúvas, doentes, trabalhadores de minas, presos, escravos e viajantes. A vida moral exemplar dos cristãos comuns se destacava diante da imoralidade desenfreada de Roma. A esperança, a alegria e a confiança dos cristãos resplandeciam claramente em meio ao desespero, à ansiedade e à incerteza que caracterizavam um império que se desintegrava. A unidade cristã contrastava nitidamente com a fragmentação e o pluralismo de Roma. Cristãos demonstravam castidade, fidelidade conjugal e domínio próprio em meio a um império decadente e saturado de sexo. Generosidade em relação a posses e recursos, além do modo de vida simples, marcaram a vida deles em um mundo dominado pelo acúmulo e consumo. O amor perdoador de uns para com os outros e para com seus inimigos testemunhava do poder do evangelho. A vida dos membros da comunidade de crentes, nutrida e moldada pela história bíblica, capacitava-os a viver como estrangeiros residentes, como luz em um mundo de trevas. (...)

Esse testemunho da igreja primitiva era publicamente subversivo. A igreja primitiva não aceitou ser empurrada para uma esfera privada de algum canto obscuro da sociedade romana. Ela recusou-se a se sujeitar à doutrina pública do Império Romano e viveu em seu lugar a história da Bíblia (...) Ela se denominava ‘ekklesia’ – uma assembleia pública chamada para fora por Deus como a vanguarda da nova humanidade-, rejeitando explicitamente a noção de ser meramente uma comunidade religiosa privada interessada somente na salvação futura e no mundo além.

Na igreja primitiva, vemos uma espécie de comunidade que compreendeu sua identidade como um povo chamado para testemunhar

acerca do reino de Deus em meio ao mundo e em favor dele. (GOHEEN, 2014. p. 24-25)

Portanto, em que pese termos que procurar o nosso lugar na narrativa bíblica, temos muito que aprender do modelo de vida da igreja primitiva no que se refere a cosmovisão bíblica integral (e não dualista, fragmentada) identidade, consciência e firmeza de seu chamado e propósito missional, além de vida em comunidade, a partir da narrativa bíblica e, conseqüentemente, com reflexos no estilo de vida financeiro de seus membros.

O cristão na igreja primitiva vivenciava a generosidade, em relação a posses e recursos, além de adotar um modo de vida simples, em meio a um mundo dominado pelo acúmulo e consumo, semelhante em vários aspectos a cosmovisão consumista pós-moderna.

Essa perspectiva do envolvimento cristão e da participação cristã na vida pública cultural contraria a ideia generalizada de que a igreja primitiva era uma comunidade discreta e até se mantinha distante da vida pública de um mundo hostil, que a marginalidade social e a alienação caracterizavam seu relacionamento com a vida pública (...)

Contudo, o envolvimento e a participação da igreja no Novo Testamento em sua cultura não significam a acomodação e a conformidade com as instituições sociais idólatras do império. Os cristãos deveriam viver como participantes críticos. É verdade que 'a vida cristã terá de ser vivia dentro da cultura', mas pelo fato de o novo mundo de Deus em Cristo ter irrompido na história, a vida cristã 'concentra seus esforços na reforma e na transformação de suas estruturas, jamais na aceitação acrítica delas'. Visto que as instituições sociais têm sua origem essencialmente na criação, Pedro pode instigar a igreja a se envolver; porém, como as instituições sociais também estão debaixo do poder do Maligno, a comunidade cristã é 'também obrigada

[...] a ter uma conduta responsável e crítica dentro delas. (GOHEEN, 2014. p. 222-223.)

Neste contexto, vemos que a cosmovisão bíblica todo abrangente adotada pela igreja primitiva tinha valores morais fortes e uma vida comunitária moldada pelo Evangelho e que não se contaminava, ao menos inicialmente, com o padrão decaído, idólatra e consumista romano.

Convém salientar que, a reforma calvinista seguindo os princípios da narrativa bíblica, adotou o assistencialismo social, num primeiro momento, como função coletiva da Igreja e da comunidade civil, implantando uma visão progressista considerável para a época, e em relação a muitos Estados e sociedades modernas, instituindo de maneira definitiva a medicina social (BIÉLER, 2012, p. 212).

Não basta, aliás, simplesmente propiciar aos pobres ajuda material. Impõe-se, também, dar aos necessitados os meios de, por si mesmos, saírem de sua condição. Vela, ainda, a Reforma calvinista para que as pessoas economicamente mal amparadas e os doentes de quem se encarrega o Hospital Geral se beneficiem das mesmas condições de educação que os demais. Um mestre é incumbido da instrução das crianças neste estabelecimento. Bem mais, faz-se necessário que os pobres, os enfermos e os inválidos sejam reeducados profissionalmente. (...)

A ação social reformada não se limita à assistência. Visa o homem em sua totalidade, ser espiritual e material. Os reformadores também estão constantemente preocupados com a formação profissional da população em geral e da juventude, dos sinistrados e dos refugiados em particular. (...)

Os esforços dos reformadores alcançam amplo sucesso e se fazem profícuos pelas aptidões e a indústria de grande número de refugiados.

Graças a sua influência, diz Walker, Genebra prospera materialmente. (BIÉLER, p. 213-214)

Por fim, o autor André Biéler ressalta que a própria igreja se organiza de maneira a conferir a seus membros a ajuda de toda natureza que lhe sugere a caridade cristã de que ela vive; após isto, ela propõe e exige do Estado que tome ele todas aquelas medidas próprias para estender esta forma de ação para toda a sociedade. (BIÉLER, 2012)

Segundo o jornal O Globo, a suíça conquistou o primeiro lugar das nações com a melhor qualidade de vida, segundo o instituto Numbeo, o maior centro de dados do mundo com conteúdo gerado pelos internautas. Para ele, os suíços gozam de itens como segurança, assistência médica e boa qualidade de vida. (JORNAL O GLOBO, 2018a)

Já em outra pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que elege os países com maior qualidade de vida, seguindo 11 diferentes critérios que considera essenciais para uma vida feliz, a Suíça está ocupa o quarto lugar “no ranking geral, mas está perto do topo no que diz respeito a emprego, saúde e satisfação com a vida. É o país com a segunda maior renda por domicílio, de acordo com o índice. Só fica atrás dos Estados Unidos. (JORNAL O GLOBO, 2018b)

Essa narrativa nos trouxe alguns exemplos da intervenção da Reforma calvinista na regulação da vida social, segundo as Escrituras e no contexto das finanças pessoais para o custeio da obra de Deus, a contribuição do que aconteceu em Genebra é realmente espantoso, ainda mais quando se sabe a transformação social vivida no país, reconhecidamente, próspero e sem desigualdades sociais.

No mesmo sentido, o Pacto de Lausanne⁶ reforça o compromisso da Igreja Missional quando dispõe:

6. A Igreja e a Evangelização

⁶ Documento lavrado no grande congresso mundial de evangélicos que ocorreu em 1974 em Lausanne, Suíça, com presença de mais de 150 nações.

Afirmamos que Cristo envia o seu povo redimido ao mundo assim como o Pai o enviou, e que isso requer uma penetração de igual modo profunda e sacrificial. Precisamos deixar os nossos guetos eclesiásticos e penetrar na sociedade não-cristã. Na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial. A evangelização mundial requer que a igreja inteira leve o evangelho integral ao mundo todo. A igreja ocupa o ponto central do propósito divino para com o mundo, e é o agente que ele promoveu para difundir o evangelho. Mas uma igreja que pregue a Cruz deve, ela própria, ser marcada pela Cruz. Ela torna-se uma pedra de tropeço para a evangelização quando trai o evangelho ou quando lhe falta uma fé viva em Deus, um amor genuíno pelas pessoas, ou uma honestidade escrupulosa em todas as coisas, inclusive em promoção e finanças. A igreja é antes a comunidade do povo de Deus do que uma instituição, e não pode ser identificada com qualquer cultura em particular, nem com qualquer sistema social ou político, nem com ideologias humanas.

Para finalizar, ressalta-se que, segundo Nancy Pearcey, o desenvolvimento de uma cosmovisão cristã não é apenas um estudo e debate de ideias, mas a morte e ressurreição em união com Cristo, uma submissão de nossa mente ao senhorio de Cristo. E ela vai mais além:

Na realidade, eu iria mais longe e diria que o primeiro passo para conformar nosso intelecto à verdade de Deus é morrer para vaidade, o orgulho e o desejo por respeito dos colegas e das pessoas. Temos de abandonar as motivações mundanas que nos impulsionam, orando para sermos motivados somente pelo desejo genuíno de submeter nossa mente à Palavra de Deus e, depois, usar esse conhecimento a serviço dos outros.

Podemos fazer o ótimo trabalho de provar intelectualmente que o cristianismo é a verdade absoluta, mas as pessoas não acharão nossa mensagem persuasiva, a menos que possamos dar demonstrações visíveis dessa verdade em ação. As pessoas devem enxergar, pelo padrão do dia-a-dia de nossa vida, que não tratamos o cristianismo como um retiro particular, uma manta de conforto, um castelo de crenças de contos de fadas que nos faz sentir bem.

É quase impossível que as pessoas aceitem novas ideias puramente na teoria, sem ver uma ilustração concreta do que elas são quando vivem na prática. (...) O chamado da Igreja é ser a 'estrutura de plausibilidade' para o evangelho. Quando as pessoas veem uma dimensão sobrenatural de amor, poder e bondade no modo como os cristãos vivem e tratam uns aos outros, então nossa mensagem de verdade bíblica torna-se plausível.

E se as pessoas virem os cristãos praticando o erro e concordando com o mundo? Quem vai acreditar em nossa mensagem? A apresentação verbal da mensagem de cosmovisão cristã perde seu poder se não foi validada pela qualidade de nossa vida. (PEARCEY, 2017. p. 397)

Portanto, o cristão autêntico deve viver o senhorio de Cristo e encarnar o evangelho na vida financeira, a partir de uma reflexão consciente acerca da cosmovisão bíblica e da cosmovisão secular, discernindo os aspectos de cada uma das visões para, então, perseguir o padrão de Cristo e o distanciamento da cultura consumista complexa que o rodeia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que apregoa o consumismo, o cristão não tem liberdade individual de consumir o quanto quiser e puder. Se o cristão decide implantar o padrão divino às finanças, o primeiro passo é que ele deixa de consumir segundo o padrão secular. Ele passa a ter zelo em como gasta seus recursos, buscando uma simplicidade no modo de vida, com a visão de que a finalidade precípua dos recursos auferidos é financiar a implantação do reino de Deus.

Diante da narrativa bíblica, vemos que o cristão autêntico assume o compromisso sacrificial de contribuir para implantação do Reino de Deus, de forma humilde e espontânea, em obediência ao padrão bíblico estabelecido.

Portanto, o cristão contemporâneo precisa resgatar o contexto cultural em que vive e reinterpretá-lo a luz do Evangelho, a fim de se distanciar do padrão cultural consumista que o rodeia. A fé não pode ser mais entendida como privada, apenas para o deleite espiritual e devocional do ser humano. A salvação não é apenas do inferno para o céu, não se limita a alma para Cristo, mas é para ser vivida neste mundo, criado por Deus, manchado pela Queda, mas ainda bom.

Enfim, o cristão deve cumprir o seu chamado missional, conscientizando-se de sua responsabilidade social na gestão dos recursos pessoais e da obrigação moral cristã de socorro aos desfavorecidos, como fruto de uma renovação crista autêntica, como vivenciado na igreja primitiva e pelos reformadores calvinistas.

REFERÊNCIAS

BIÉLER, André. **O pensamento econômico e social de Calvino**. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã.

DALLEGRAVE NETO, José Afonso. **Pós-modernidade, Espiritualidade e o Direito à Felicidade**. In: *Direito e Cristianismo*, v. 2. Rio de Janeiro: Betel, 2017.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. e outro. **Introdução a cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GONZÁLEZ, Justo L.. **Uma história do pensamento cristão: da Reforma Protestante ao Século 20**. v. 3. 2ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

JORNAL O GLOBO. **Os dez países com mais qualidade de vida**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/os-dez-paises-com-mais-qualidade-de-vida-16461180>>. Acesso em: 02 jul. 2018a.

JORNAL O GLOBO. **Os 10 melhores países para se viver**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/os-10-melhores-paises-para-se-viver-16346526>>. Acesso em: 02 jul. 2018b.

LINDBERG, Carter. **História da reforma**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUTERO, Martinho. **Debate para o esclarecimento do valor das indulgências: 95 teses**. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html>. Acesso em: 02 jul. 2018.

MORENO, Mario. **Maaser - Dízimo**, artigo disponível em: <<http://shemaysrael.com/maaser-dizimo>>. Acesso em 19 ago. 2018.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS. Baruaeri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PACTO DE LAUSANNE. Disponível em <https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em 19 ago. 2018.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2014.